

PROJETO ARTÍSTICO MALAS GIGANTES - ARTE E ESPIRITUALIDADE, DO INDIVIDUAL AO COLETIVO

*ARTISTIC PROJECT GIANT MALAS - ART AND SPIRITUALITY, FROM AN
INDIVIDUAL TO A COLLECTIVE APPROACH*

Mariana Wartchow

RESUMO

O presente artigo irá abordar a respeito de uma prática artística pessoal que relaciona arte e espiritualidade, que teve seu início em 2018, culminando com uma instalação. Agora, em 2020, essa prática retorna como uma proposta coletiva, que, em função da pandemia, utiliza plataformas virtuais para o compartilhamento das ações. A forma de um objeto relacionado com a prática de meditação, o Mala, é tomada como referência para desenvolver uma prática artística, a qual utiliza a cerâmica como meio de expressão. O projeto tem uma parte individual, em que cada um faz as suas peças, e uma parte colaborativa, na qual as peças feitas individualmente são reunidas em uma instalação coletiva.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Espiritualidade; Projeto artístico; Budismo; Metodologia colaborativa.

ABSTRACT

The present article deals with one personal artistic practice that relates art and spirituality, which has begun in 2018, culminating with an installation. Now, in 2020, it comes back with a collective proposal, which, due to the pandemic situation, uses virtual platforms for sharing actions. The shape of an object related to the meditation practice, the Mala, is taken as a reference to develop an artistic practice. This practice uses pottery as mean of expression. The Project has an individual part, where each one does their own pieces, and a collaborative one, where the pieces done individually are put together in a collective installation.

KEYWORDS

Art; Spirituality; Artistic project; Buddhism; Collaborative methodology.

Trajatória pessoal

Arte e espiritualidade me acompanham desde muito cedo, com aquela sede que precisa ser saciada, como respirar, uma necessidade vital, que, quando inspiro, me nutre e, quando exalo, expresso e posso oferecer algo de volta ao mundo.

Muito desenhei quando criança e tive a sorte de frequentar um atelier de cerâmica com apenas 13 anos. A cerâmica passou a ser o meio de expressão do meu mundo interno na matéria. Prática que sempre associei a um processo de aterramento, estando com a mão no barro, buscando esse contato com os elementos terra e água, para que esse contato pudesse também influenciar minha mente. E nos processos de queima, a transformação acontece, a matéria muda e as cores dos esmaltes se revelam. E nós, nos nossos processos, também revelamos qualidades, formas e cores na relação com a vida.

Na mesma época, iniciei leituras sobre o caminho espiritual e a prática de Yoga, onde conheci o Mala1a11 abaixo¹¹ Hindu, muito semelhante ao Mala Budista. Esse objeto me acompanha desde então, já tive vários, de madeira, sementes, pedras e outras contas...



Figura 1. Dois Malas com 108 contas. Foto: acervo da autora, 2020.

É o tipo de objeto que seguramos quando queremos lembrar do nosso caminho, seja para acalmar uma mente aflita, pedir determinada qualidade, ou oferecer uma prece. O movimento da mão associado a uma frase ou palavra que se repita faz seu efeito e ele pode ser sentido facilmente.

Eu tinha um desejo muito grande de ir para a Índia, berço do Yoga. Em 2004, fui pela primeira vez para esse país, estudar, vivenciar e conhecer um pouco do que ele tinha para me oferecer. Depois, consegui passar praticamente todo o ano de 2007 por lá. Numa ida até o Nepal, entrei em contato com o budismo, que até então eu pouco conhecia. Passei a ler livros e estudar a respeito. De volta ao Brasil, conheci o Lama Padma Samten e o Centro de Estudos Budistas Bodisatva, em Viamão, onde frequente retiros e tenho vínculo com a Escola Caminho do Meio por intermédio dos meus filhos. Moro nesse centro desde 2013, vivendo numa realidade de comunidade amparada pelo Dharma², com base no Budismo Mahayana³.

No presente artigo, a relação entre arte e espiritualidade é explorada teoricamente, buscando suas conexões e contribuições. A partir dessas reflexões, uma proposta artística colaborativa é analisada, utilizando a forma de um objeto relacionado com a prática de meditação, o Mala, como referência para articular um processo que ocorre vinculado a uma plataforma virtual de compartilhamento de imagens, percepções e ações.

Arte e espiritualidade

A arte pode ser uma prática relacionada com a espiritualidade, uma vez que contribui como caminho de autoconhecimento e expressão. Todas as ferramentas que puderem nos ajudar a enxergar melhor o que temos dentro e as diferentes formas com que podemos ver o mundo são importantes e podem ser um caminho espiritual.

Uma questão espiritual é, em primeiro lugar, uma questão que colocamos a nós mesmos e que processamos a sós. Da mesma forma como nossas respostas vêm do interior, também de lá vêm nossos questionamentos. Eles vêm do mesmo lugar. Todos os questionamentos estão ligados a algo que já sabemos. Cada pergunta levará a uma resposta, que levará a mais questionamentos e assim por diante. Enquanto nossa compreensão cresce, nossos questionamentos se tornam mais claros e nossas respostas mais significativas. É assim que funciona o caminho espiritual. (D. PONLOP, 2016, 32).

Comparando os questionamentos que surgem no processo artístico com essa fala relacionada ao caminho espiritual, podemos ver que ambos têm muito em comum. Esse caminho de inquietude e questionamento no qual um processo interior se desenrola, levando o praticante a um outro ponto de ver e estar. Nessa comparação, o processo tem muito em comum, mesmo que tenham diferentes fins.

Muitas vezes misturamos espiritualidade e religião, como se fossem uma coisa só. Isso não funciona muito bem. Um caminho espiritual pode existir dentro ou fora de um contexto religioso. A religião e a espiritualidade podem ser complementares, como práticas e experiências separadas. Um caminho espiritual é uma jornada interior, que começa com questionamentos sobre quem somos e sobre a natureza e o sentido de nossa existência. Naturalmente, trata-se de um processo de introspecção e de contemplação. (D. PONLOP, 2016, 33).

Acho importante essa diferenciação entre espiritualidade e religião, mesmo que o Budismo possa ser uma referência pessoal minha. Os processos artísticos e espirituais não precisam estar relacionados de forma fixa a ele. Pode ser ou pode não ser, mas também pode ser! É muito mais uma liberdade de poder olhar o potencial e o que faz sentido para cada um de acordo com o que carrega dentro de si. Então é melhor deixar livre para cada um estabelecer suas referências. Como diz o artista Vassily Kandinsky:

A vida espiritual, a que a arte também pertence e de que é um dos mais poderosos agentes, traduz-se num movimento para a frente e para o alto, complexo mas nítido, e que pode reduzir-se a um elemento simples. E o próprio movimento do conhecimento. Seja qual for a forma que adote, conserva o mesmo sentido profundo e a mesma finalidade. (KANDINSKY, 1996, 31).

Essa fala remete a contemplar o sentido profundo, indo além de um olhar superficial. No budismo, é falado em três aspectos: o exterior, o interior e o secreto. É nesse sentido que nossa contemplação caminha, para treinar a visão a perceber o aspecto secreto em todas as coisas. Outros três aspectos abordados no budismo são visão, meditação e ação.

Os níveis de visão, meditação e ação não ocorrem um de cada vez ao longo da vida, estão sempre embotados uns nos outros, sucedendo-se ao mesmo tempo. Quando saímos da sala de meditação, gostaríamos de poder manter a tranquila visão meditativa. Para isso, precisamos do nível de ação. O nível de ação é curioso. Ele surge a todo momento na vida

cotidiana, quando nos deparamos com desafios. Surge como se fosse o nível mais sofisticado e, simultaneamente, o mais introdutório. Isso se deve ao fato de termos um processo cíclico natural: quando chegamos ao final de algo, recomeçamos. (SAMTEN, 2010, 11).

O fazer artístico se relaciona com esse momento da ação, mas ela não é qualquer ação quando a arte e a espiritualidade andam juntas, ela é uma ação embasada em uma visão e na meditação antes desenvolvida. Ao mesmo tempo, esse fazer pode se tornar como uma meditação e isso também contribuir para a nossa visão — assim esse aspecto cíclico se manifesta.

Darma e arte

O termo arte do darma não significa arte que retrata símbolos de ideias Budistas, como a roda da vida ou a história de Gautama Buda. Em vez disso, a arte do darma se refere à arte que surge a partir de um certo estado de mente do artista que poderia ser chamada de estado meditativo. É uma atitude de franqueza e ausência de autoconsciência no fazer criativo⁴. (Tradução livre de TRUNGPA, C., 2008, 1).

Nesta arte relacionada ao Darma, é o estado meditativo que importa, o qual está relacionado com a elegância que depende de um estado de mente.

Envolver-se com o darma visual parece ser bastante direto: trabalhar consigo mesmo, com os outros, consigo mesmo e com os outros ao mesmo tempo. Trabalhar consigo mesmo traz a realização da própria elegância. Trabalhar com os outros significa tentar desenvolver o deleite nos outros. E os dois juntos, elegância e deleite, trazem um sentido básico de riqueza e bondade... um trabalho de arte que traz à tona a bondade e a dignidade da situação. Este parece ser o principal objetivo da arte⁵. (Tradução livre de TRUNGPA, C., 2008, 8).

Ao pensarmos no coletivo, vem essa relação de se alegrar com o outro, de ver seu potencial e riqueza na troca.

Kazuaki Tanahashi, artista japonês, mestre calígrafista, professor e erudito Zenbudista, diz: “Todo grande professor, ou quem quer que esteja numa busca espiritual, pode ser considerado um artista. A arte da contemplação, da prece, da imaginação, da concepção, da expressão e da comunicação.” (BELTRÃO, 2018, 39). Tudo pode ser caminho para o despertar, sendo esse despertar a capacidade de ver o valor infinito de cada momento de sua vida e dos outros seres.

No budismo, o caminho para a iluminação é visto como algo circular, que vai da confusão para a iluminação; na caligrafia Zen, esse círculo é chamado enso. Kazuaki Tanahashi diz a seu respeito: “O círculo do caminho é um conceito paradoxal, que indica que cada momento de prática contém seu destino final. Não é um estado perfeito, mas cada passo é completo, com perfeição e imperfeição.” (BELTRÃO, 2018, 39).

A prática espiritual pode ajudar a arte a ser verdadeiramente imaginativa, profunda e visionária. A arte pode fortalecer a sabedoria e o amor daqueles que estão em um caminho espiritual. Juntos, a arte e o sagrado podem realizar milagres efetivos. Ao transformarmos consciências individuais, a própria humanidade é ela mesma transformada no caminho de proteger a vida de todos os seres. O que pode ser mais sagrado do que isso? (TANAHASHI, 2018 apud BELTRÃO, 2018, 44).

O que é um Mala

Mala é um colar de contas budista, utilizado para a meditação, com o qual se contam as preces e os mantras que são repetidos. Diversas tradições possuem colares semelhantes, também utilizados para esse fim. O Mala tem 108 contas, considerado um número auspicioso. Mas também pode ser montado com suas subdivisões, tendo 54 ou 27 contas, por exemplo. A palavra Mantra significa instrumento do pensamento, considerada uma poderosa ferramenta para acalmar, centrar e curar a mente. O fio que une as contas simboliza a conexão entre tudo o que existe, é o eixo transcendente, representa nossa possibilidade de transformação, representa o caminho para chegarmos no conhecimento da nossa sabedoria interna. As contas representam os meios hábeis, a forma como atuamos e nos posicionamos nas diversas atividades da vida, sendo que todas elas estão conectadas ao mesmo fio.

Quando utilizamos um Mala, os dedos percorrem as contas, esse movimento atua na mente, ajudando-a a estar presente e calma. Essa conexão entre corpo, energia e mente se estabelece.

Relação entre o fazer cerâmico e a mente

Ao manipular a argila, estamos em contato com um elemento da natureza, que por si já traz um efeito calmante sobre a mente. Quando pensamos em utilizar o fazer cerâmico como ferramenta para a mente, estamos nos relacionando com a matéria de forma a trazer dessa interação uma qualidade mental. A contemplação é algo com que precisamos nos familiarizar e praticar, contemplar não é algo que vem naturalmente na nossa cultura, precisamos aprender a exercitar e dar tempo para esse olhar. O Budismo apresenta técnicas como a de Shamata⁶ para exercitar parar o fluxo de respostas automáticas. Pensando nessa parada e nesse espaço para que a contemplação surja, técnicas de cerâmica podem ser de grande valia, em especial quando se repete uma forma, essa repetição cria uma qualidade na mente, o corpo está engajado, presente, mas há um espaço para a mente estar presente, mas com um relaxamento e uma amplitude. E é desse espaço amplo que a criação também surge — por isso, cada peça, mesmo partindo de uma forma básica comum, pode ter diferentes manifestações, diferentes acabamentos e ir ficando cada vez mais sofisticada.

Instalação Grandes Árvores Meditantes

Em 2018, foi montada a Instalação “Grandes Árvores Meditantes”, em frente ao templo Budista do Centro de Estudos Budistas Bodisatva Caminho do Meio, em Viamão-RS. Nessa instalação, um Mala com contas feitas de cerâmica envolve o tronco de uma grande paineira.

Um objeto relacionado à meditação é disposto junto a uma árvore centenária, que está há tanto tempo em um mesmo lugar, trazendo benefícios ao ambiente e aos seres que por ali circulam e moram. É fonte de alimento, moradia, nutrição para o solo, sombra, contribui para a qualidade do ar, oferece suas flores e frutos, beneficia seu ambiente de forma ampla.

A obra busca a conexão e visão do aspecto espiritual na natureza, trazendo a importância de lembrarmos e olharmos com o devido cuidado, atenção e respeito para essas grandes árvores, e tudo o que perdemos e privamos a nós mesmos e às futuras gerações ao não cuidarmos dessa natureza.



Figuras 2 e 3. Templo Budista do Centro de Estudos Budistas Bodisatva e paineira com Mala de contas cerâmicas da instalação “Grandes Árvores Meditantes”, 2018, Viamão-RS. Foto: acervo da artista, 2018.

Budismo e Cultura de Terra Pura

Numa perspectiva coletiva, o budismo tem uma função de trazer benefícios onde estivermos. Usando a compreensão de como as realidades se estabelecem,

geramos uma cultura de Terra Pura, com uma nova estrutura, que aproveita os vínculos e é capaz de sonhar.

Ao repousarmos em uma visão mais elevada, produzimos sonhos mais elevados, ajudando uns aos outros. Isso reforça a capacidade de cada um ser o agente da sua realidade, um patrocinador do seu mundo... Então, precisamos entender que o mundo sempre é construído por nossas visões. O mundo é vazio e luminoso! O mundo é o laboratório perfeito para aprofundar nossas compreensões, das nossas mentes, dos seres, do universo. Esse aspecto coletivo é inseparável do aspecto individual; estão todos juntos (SAMTEN, 2018, 11).

Podemos ser agentes ativos dos mundos de sonhos que criamos, dessa forma, estamos atuando no nosso mundo exterior, criando imagens e relações que nos ajudem. É desse lugar que nasce o sonho do “Projeto Artístico Malas Gigantes”. É um oferecimento de aulas e técnicas cerâmicas que leva às pessoas uma oportunidade de se vincularem e se relacionarem, com a matéria e com o grupo. É uma proposta no sentido de propiciar imagens positivas, que vão povoar nossa mente e a dos outros que se depararem com ela. O Mala é um objeto que traz as contas conectadas em um eixo, trazendo essa mensagem de conexão. Ao ser produzido coletivamente, traz a questão da autoria coletiva, ao mesmo tempo em que é uma imagem que simboliza uma união desse coletivo, firmando a mensagem de estarmos juntos.

Projeto Artístico Mala Gigante



Figura 4. Detalhe da instalação “Grandes Árvores Meditantes”, 2018, Viamão-RS. Foto: acervo da artista, 2018.

Primeiramente, o Projeto artístico Mala Gigante foi pensado em formato de vivências presenciais. Com as questões de isolamento trazidas pela pandemia, idealizou-se um novo formato, com aulas via vídeos no YouTube, podendo atingir públicos de diversas cidades e estados do Brasil. O formato das aulas é pensado para ser acompanhado por quem já tem experiência com cerâmica, ou para quem não a tem.

As aulas são divididas em 4 partes: como fazer esferas de argila, acabamentos, queimas, montagem do Mala.

A primeira parte, relacionada com a produção das esferas de cerâmica, que serão as contas dos Malas, é individual, cada um pode fazer na sua casa, respeitando o isolamento. O processo de fazer as esferas é visto como uma possibilidade de prática, para olhar a si mesmo, cada esfera sendo única, mas o repetir e fazer diversas vezes a mesma coisa tem um efeito na mente. Esse aspecto interessa nesse projeto.

A simbologia da esfera está relacionada com a vida, o universo, a criação, também simboliza o si mesmo, a própria existência. Então existe uma riqueza na prática repetida de fazer esferas, trazendo um olhar para si mesmo, e percebendo cada uma como única, cada processo único. Num momento em que precisamos estar consigo mesmos, a prática na matéria densa pode ajudar a mente a se ver e se processar nessa caminhada.



Figuras 5 e 6. Detalhe das esferas de cerâmica e possibilidades de acabamentos. Foto: acervo da artista, 2018.

Existem muitas possibilidades de acabamentos para cada esfera, isso traz inúmeras caras para objetos que, em princípio, são semelhantes. Novamente podemos olhar para isso e para as nossas inúmeras identidades que se manifestam ao longo da vida. Muitas técnicas de cerâmica podem ser exploradas, como expressão ou como aprendizado.



Figura 7. Esferas de argila feitas para o Projeto Malas Gigantes. Foto: acervo da artista, 2020.

Existe a possibilidade de fazer as esferas em casa na presença de crianças, a argila costuma lhes atrair, e elas podem aprender a fazer bolinhas e esferas maiores conforme seu interesse. Esse pode ser um momento rico de troca e convivência significativa nas famílias.

Esse momento de produção das esferas terá um tempo expandido dentro do projeto, para que haja tempo para que muitas esferas sejam feitas e um número grande de pessoas entre em contato com o projeto e participe. A ideia é vivenciar esse processo com calma, para que ele seja realmente aproveitado enquanto prática espiritual.



Figura 8 e 9. Registro de criança participando na produção de esferas de argila. Foto: acervo da artista, 2020.

A queima é uma parte muito importante, responsável pela transformação da argila em cerâmica. Esse processo de transformação também pode ser olhado de forma simbólica, uma vez que se olha a transformação pessoal durante o processo artístico. Nesse projeto, algumas pessoas podem ter forno cerâmico para a queima, já outras, não. Pensando nisso, uma das aulas disponíveis será sobre queima artesanal, utilizando lata e serragem, sendo uma queima de baixo custo, fácil e segura. Além disso, a queima artesanal possibilita manchas e efeitos provocados pelo contato com o fogo e a fumaça.

A montagem vai levar em conta a quantidade de contas, seus tamanhos, o local onde será montada e o material do fio, que pode ser arame ou cabo de aço. A ideia é que se reúnam as peças de pessoas de uma mesma localidade, ou localidades próximas, para que então se escolha um local para a montagem coletiva. Nesse momento, o coletivo vai operar, no planejamento e na execução. As peças serão reunidas e o fio passará por elas, as conectando. O fio é o aspecto secreto, que não aparece, mas está ali, unindo, conectando. Ele representa o aspecto espiritual, aquilo que nos une.

Sobre a metodologia colaborativa

No panorama das poéticas realizadas conjuntamente, contraponto aos posicionamentos individualizados, a prática colaborativa tem sido supervalorizada em vários aspectos. Um deles refere-se a discursos nos quais fica subentendido que a metodologia colaborativa oportunizaria relações menos hierarquizadas, mais democráticas, horizontalizadas e representativas. Todavia, nem sempre colaboração e desierarquização andam de mãos dadas. Frequentemente, na prática colaborativa, diferentes partícipes têm posições bem diferenciadas uns dos outros. (VICARI ZANATTA, C., 2019, 201)

Com base no texto sobre metodologia colaborativa de Cláudia Vicari Zanatta, os participantes desse projeto possuem liberdade para fazerem suas esferas da forma como quiserem, desde que sejam esferas. A montagem terá seu local decidido em grupo e será feita coletivamente, mas serão montados Malas, respeitando uma quantidade de contas e finalização característica.

Há uma grande diferença entre colaboração e colaboração ativa no sentido de os partícipes poderem interferir e contribuir nos processos que se desenvolvem nas poéticas. Em práticas colaborativas que atuam mediante caminhos processuais (entendidos aqui como situações que permitem aberturas e participação criativa dos colaboradores nas decisões sobre os modos, formatos e rumos das propostas), percebe-se que a própria articulação da colaboração passa a ser 'autopoética', ao inventar arranjos próprios e organizações, quer sejam temporárias, quer sejam permanentes, muitas vezes de modo experimental. Digamos que, nas relações processuais abertas, pouco está dado, frequentemente nem o papel do artista está definido; funções e determinações surgem ao longo do caminho. Ou seja, a metodologia da prática colaborativa entendida não como um *a priori*, mas algo a ser elaborado ao longo dos processos de criação e de negociação entre os partícipes. (VICARI ZANATTA, C., 2019, 208)

É feito um convite para uma prática, com uma forma e um objeto a ser feito como suporte para ela, mas cada um traz a sua expressão e colabora para que a montagem coletiva aconteça. Então não é uma proposta onde tudo vem pronto, mas também nem tudo está em aberto. O foco maior não está no resultado produzido, e sim no processo e na oportunidade de prática para cada um. A instalação é um marco desse processo e algo que pode nos ajudar a lembrar e manter viva essa memória.

Considerações finais

O tema aqui abordado é amplo, e envolve arte, espiritualidade, educação, meditação, processo pessoal e coletivo, comunicação e instalação. Tudo isso se comunica e interage, produzindo um universo de possibilidades. O caminho não está pronto, a proposta é lançada, mas o que pode vir não está delimitado.

Existem inter-relações entre esses aspectos e subjetividades que não podem ser medidas. É como sentar para meditar, às vezes, a meditação acontece de forma profunda, e outras vezes, não, não é algo que pode ser medido apenas considerando-se o tempo que se passou sentado. Da mesma forma, não será apenas o número de esferas que vai dizer sobre a prática e sobre as trocas que podem acontecer nos grupos que se reunirão para fazer cada Mala.

Ainda assim, podemos ter um resultado estético signficante, que marca e registra, e pode ter uma longa existência, uma vez que a matéria cerâmica resiste por muito tempo.

Notas

¹ ¹¹ Mala: girlanda, cordão de contas.¹